

FILHOS

PAÇO DE
ARCOS
14-15-16
DE
JULHO

ORIENTAÇÃO
PATRÍCIA
PORTELA

UISEU
5-6-7 DE
JULHO

ESCOLA
SUPERIOR DE
TEATRO E CINEMA
EXERCÍCIO
FINAL DA
LICENCIATURA
EM TEATRO

DE
ABEL

Os Filhos de Abel

Exercício final do 3º ano de Interpretação da Escola Superior de Teatro e Cinema

Orientação de Patrícia Portela

Passear é conhecer outras casas enquanto trazemos a nossa até outros lugares. A casa-corpo da Catarina, a casa-tempo da Rita e do António, a casa atlântica e pacífica do Hugo, a casa-mundo, interior e exterior do Diogo, a casa que é nossa e que encontramos sem querer na casa dos outros, a casa da avó da Patrícia, a casa-floresta do David, a casa-câmara escura da Beatriz Gaspar ou a casa-aldeia-do-meu-avô da Beatriz. Passear é trocar de chaves como faz o Miguel, é reencontrar a calma e o centro ao lado da Ema, é o que encontramos noutras casas para depois descobrir nas nossas.

“Os Filhos de Abel” é o exercício final dos alunos do terceiro ano da Escola Superior de Teatro e Cinema que nasceu durante o segundo confinamento este ano. Perante o edifício da Escola fechado, e perante a impossibilidade de nos reunirmos num palco ou numa sala para ensaiarmos juntos, lançámos um repto: Porque não construir um espetáculo a andar? A passear uns com os outros, lado a lado, e a contar histórias e a percorrer caminhos? Partimos de Vale Formoso, de Miranda de Arcos de Valdevez, do porto de Lisboa, de Sesimbra, da Vila de Serva mas também de Praga e do Sobral de Monte Agraço.

Iniciávamos os nossos encontros na plataforma zoom às 9am e partíamos com mapas, com ideias, com sugestões, e com propostas de trabalho para cada dia. Ao final de cada passeio, reencontrávamo-nos no quadradinho do zoom, conversávamos, trocávamos impressões, escrevíamos, propúnhamos

novos passeios uns aos outros, convidávamos alguém próximo com quem co-habitávamos a passear connosco.

Estes passeios deram-se um pouco por todo o país e talvez por isso este espetáculo esteja tão cheio de geografia, tão cheio de coração, tão carregado de nós, das nossas vidas e das nossas aflições e dilemas do momento, e de tudo aquilo que somos agora, enquanto terminamos um ciclo e nos preparamos para uma nova caminhada.

Ficha Técnica

Orientação: Patrícia Portela

Alunos do Ramo de Actores: António Palma, Beatriz Gaspar, Beatriz Teodósio, Catarina Pacheco, David S. Costa, Diogo Graça Fouto, Ema Pais, Hugo Teles, Miguel Baltazar e Rita Barros

Equipa Pedagógica ESTC Produção: Andreia Carneiro, Conceição Mendes e Miguel Cruz

Gabinete de Produção ESTC: Conceição Costa e Rute Reis

Assistente de Produção/Prado: Sara Alexandra

Cartaz: Luís Pinho

Agradecimentos: Afonso Reis Cabral, Alexandrina Cunha, Beatriz Mestre Costa, Célia Fechas, Cláudia Jardim, Gonçalo Fernandes, João e Teolinda Portela, Lensey Lopes Pais, Luca Aprea, Lucia Lopes Pais, Luís Pinho, Manuel Lage, Mauro Madeira, Mariana Santana, Natividade Vicente, Patrícia Fonseca, Restaurante - O Pastus, Rogério Vale, Tomás Gomes e Zoë Portela de Boeck

Acolhimento e residência artística: Junta de Freguesia de Miranda, Arcos de Valdevez e Teatro Viriato

Co-produção: Prado, Associação Cultural

Tempo, António Palma

Estudo para uma câmara escura, Beatriz Gaspar

Raíz, Beatriz Teodósio

Lugar de Alguém, Catarina Pacheco

Bode que Canta, David S. Costa

O Velocímetro No Máximo Deixa Rasto, Diogo Graça Fouto

Serar, Ema Pais

Vinte e cinco mil, seiscentas e cinquenta milhas marítimas, Hugo Teles

Por Partilhar, Miguel Baltazar

Transfiguração, Rita Barros

Tempo

Caminhada com António Palma

Textos de António Palma, Henri Bergson e Santo Agostinho

Tempo. O regulador biológico. Aquele que cura tudo. A única moeda de troca. Aquele que passa. Aquele que limita. Qual é o verdadeiro valor que damos ao nosso tempo? Quanto tempo dedicamos ao pensamento? Quanto tempo dedicamos ao sentir e ao estar?

António Palma, tem 23 anos. Acabou o secundário em ciências e decidiu estudar teatro. Em 2017, inscreveu-se numa oficina de teatro em Lisboa, e assim começou a sua prática teatral. Nesse mesmo ano estreou-se profissionalmente no espectáculo *Afogada na tua Vergonha*, na Comuna, Teatro de Pesquisa. Em 2017 entrou para o curso de teatro ramo-actores na Escola Superior de Teatro e Cinema que conta terminá-lo com este espetáculo.

Estudo para uma câmara escura

Caminhada e fotografias de Beatriz Gaspar

Uma ilha cuja praia se estende como um abismo branco diante dos olhos.

Uma sala e uma janela, junto à janela uma poltrona.

Um raio que irrompe pelo recorte da objetiva, a luz na película do lugar inconsciente.

Sentada na poltrona, à boca de cena, a imagem fala-nos. A sua partitura revela-nos, um por um, os traços da matéria de que é feita: velocidade, abertura, ruído, tempo. O translúcido mosaico da memória. Um sopro ao ouvido da consciência, sombras, passagens estreitas, ruas e estradas onde sussurramos: casa. Este são os lugares que vestimos todos os dias, pelo olho nu, renascem numa imagem de uma fábula. A câmara entreaberta convida o olhar.

Beatriz Gaspar (Lisboa, 2000), é finalista da licenciatura em teatro da Escola Superior de Teatro e Cinema. Tem vindo a desenvolver a sua pesquisa artística entre as artes performativas e visuais, com especial foco na fotografia. Em 2020 frequentou um programa de estudos na Academia de Artes Performativas em Praga onde aprofunda a relação entre teatro e a imagem. Os seus trabalhos fotográficos propõem uma reflexão sobre o encontro entre a forma fixa e o mundo das imagens em movimento, entre o real e o simbólico, estendendo-se à projeção do imaginário – pessoal e coletivo – numa lógica de composição e arquivo num estudo da própria memória em mutação.

Raíz

Caminhada e texto de Beatriz Teodósio e Júlio Freches

Muitas vezes perguntam-nos quem somos. Muitas vezes respondemos: somos o nome que nos dão ao nascermos, somos as marcas do corpo, somos os lugares onde vivemos, crescemos, habitamos. Somos o contacto que o nosso pé faz com o solo fundindo a paisagem interior com a exterior. Somos a mente que vagueia pela paisagem, pelas lembranças. Somos um gesto de resistência biológica.

Esta caminhada é uma passagem entre um álbum fotográfico, uma flor amarela e um corpo que vagueia pela terra natal onde não nasceu.

Beatriz Teodósio nasceu na capital portuguesa em 1997. Paralelamente ao seu percurso académico, participou em espetáculos profissionais, mas é nas criações de companhias jovens que assume os seus trabalhos. Entre 2016 e 2021, forma-se na Escola Profissional de Teatro de Cascais, na Escola Superior de Teatro e Cinema e faz uma paragem por Brighton, onde integra o Fringe Festival, no apoio técnico.

A estadia pela cidade inglesa suscitou curiosidade e acabou por lhe valer a participação numa radionovela .Shot de Liberdade de Pedro Sousa Loureiro. Na formação destaca nomes como João Mota, Beatriz Batarda, Tonan Quito, Joana Craveiro e Patrícia Portela.

É através desta constante pesquisa que tenta responder à questão: de que maneira a matéria bruta se torna objecto artístico?

Lugar de Alguém

Caminhada com Catarina Pacheco

Há um lugar vivo para além do tempo.

Quantos de ti levaste dentro da mala?

Levei apenas um desejo: querer ficar.

Foram tantas as vezes que andámos sem saber para onde queríamos ir.

Tantos os lugares que comprometeram a certeza e nos abriram caminho para um cenário infinito de hipóteses.

Mentimos, trespassámos, ousámos pensar: que não há necessidade de nos cumprirmos neste desejo de ser um e outro, em todo o lado, quando somos um reflexo transitório.

Inicia o seu percurso musical com 6 anos, na Academia de Música de Belas Artes Luísa Todí, em Setúbal, onde frequenta e conclui o Curso do Ensino Especializado de Música na variante de piano clássico. Em 2017 inicia a licenciatura em Teatro na Universidade de Évora onde conclui o primeiro ano. Em 2017, inicia a licenciatura em Teatro-Ramo Actores na Escola Superior de Teatro e Cinema (IPL), Lisboa. Em 2020, frequenta um semestre na DAMU - Divadelní fakulta AMU, no departamento de Teatro Alternativo e de Marionetas, no programa de Devised and Object Theatre.

Bode que Canta

Caminhada com David S. Costa

Músicas de Zé Miguel Wisnik e Gonzaguinha

Para que o Narciso ame a água que o reflete.

Para que o fascismo se entregue à terra e vire árvore.

Para que a prisão da linguagem expluda.

Para que nos misturemos com as cores do mundo.

Pela resignificação da performatividade

Pelo reencantamento da vida.

Pela emancipação das consciências.

Pelo ócio.

Pela reconexão.

Por uma âni^a-revolução.

Para que da próxima vez que olhares o céu, o faças em silêncio.

Para sermos moléculas livres.

Sou o David e sou de Arcos de Valdevez. Com 15 anos fui para o Porto onde fiz o curso de interpretação na ACE – Escola de Artes. Neste momento estou a acabar o curso de Teatro – Ramo Atores na ESTC.

O Velocímetro No Máximo Deixa Rasto

Caminhada com Diogo Graça Fouto, a partir de uma pesquisa em cada lugar.

Passo a passo, olho a olho tento vocalizar a geografia, contando as suas rugas. Este percurso nasce de uma pesquisa profunda, sobre os lugares por onde vamos passando. Ingrato seria não incluir aqui também as histórias proferidas - em voz alta, nas ruas, em cafés e em encontros inesperados, fugazes e sorridentes - pelos habitantes dos jardins, da floresta e rio por onde passámos. Retratos de gente a falar com gente! Uma vontade de regresso à geografia, um apelo ao encontro, e a vontade de criar raízes urbanas, históricas e pessoais.

Natural da terra dos que levam com o rabo do Cristo Rei e lhes é negado o abraço. Apaixonado pelas dimensões e conceitos que nascem quando a aglutinação das letras acontece, escreve poemas e pequenos dramas... Acredita na escuta activa como forma de mudar o mundo. No sorriso como ferramenta de bem-estar e em Hauser como inspiração para fazer escorrer tinta sobre o papel. Formado profissionalmente em Teatro pela ESDPV, encontra-se a finalizar a Licenciatura em Teatro - ramo de actores na ESTC.

Serar

Caminhada e texto de Ema Pais

A pandemia veio levantar o véu sobre várias questões, entre as quais a ansiedade e a forma de lidar com a mesma. Serar propõe Ser, Estar e Serenar num momento de partilha. É um convite a (re)encontrar sensações, a (re)compreender relações e a (re)orientar instintos. Uma caminhada onde os espectadores acompanham a atriz, focando-se no presente, no “aqui e agora”.

Ema Pais nasceu a 14 de agosto de 2000. Vive em Sobral de Monte Agraço, uma vila onde cresceu próxima da Natureza e das pessoas que a rodeiam. É escuteira desde 2006, procurando, como Baden-Powell aconselhou, deixar o Mundo um pouco melhor do que o encontrou. É atriz, tendo concluído o ensino secundário na Escola Profissional de Teatro de Cascais em 2018. Encontra-se no último ano da sua licenciatura em Teatro, no ramo de Atores, na Escola Superior de Teatro e Cinema (2018-2021). É apaixonada por Arte, sentindo-a como uma dádiva, urgente, pois é, através da Arte, que Mundos podem ser transformados, algo que leva de forma séria e responsável. Interessa-se também pelo autoconhecimento, pela Cura interior e pela Meditação.

Vinte e cinco mil, seiscentas e cinquenta milhas marítimas

Caminhada e texto de Hugo Teles

A partir das histórias de António Teles,

Passeio no seio do passo. E passo a passo, passo o tempo, mas o tempo tem pó, sacudo-o, acudindo-o, indo de memória em memória que não tenho mas que resgato. Parto e renasço, de porto em porto, de volta ao ventre. Entre portos, o mar, o ir e o voltar - ou como dizia o José Mário Branco - “partir, para regressar”. Como se regressa sem nunca se ter partido? Vamos em par, por ele, em trio. Partimos do rio e seguimos pelo mar.

Foi sempre assim que as fiz, as vinte e cinco mil, seiscentas e cinquenta milhas marítimas, milhares de intimidades que partilho agora para que nunca morram afogadas.

Iniciou a sua formação académica na ACE Escola de Artes em 2014.

Estreou-se profissionalmente com o espetáculo *Pocilga* de John Romão no Teatro Nacional São João. Em 2017 fez a PAP orientada pelo Pedro Frias a partir do texto *Nebulosa* de Pier Paolo Pasolini. Ingressou na Escola Superior de Teatro e Cinema e começou a trabalhar com a companhia Parada de Elefantes, participando como ator em dois espetáculos, *Saturnais* e *A Emancipação do Ser Sem Braços*. Trabalhou recentemente com Tiago Vieira no espetáculo *Devemos sempre perdoar os cobardes mas nunca ser como eles*.

Por Partilhar

Caminhada e texto de Miguel Baltazar

A vida não é tão segura como, por vezes, pensamos. Os locais que consideramos seguros e confortáveis, como as nossas casas, podem desaparecer a qualquer momento e deixar qualquer um lugar. A vaguear sem um espaço seguro. Esta caminhada questiona a sensação de pertença e as raízes, de cada um, valorizando o espaço público como local a que chamamos casa. Através de uma partilha de histórias e do contacto com o local físico onde cada caminhada decorre, pretende-se chamar a atenção para a importância destes espaços, do passado de cada um e das suas vivências.

O meu nome é Miguel Baltazar. Após ter tirado uma especialização em cinema na Escola Artística António Arroio, em 2016. Entrei para a Escola Superior de Teatro e Cinema para o ramo de atores, onde me encontro a terminar o curso.

Transfiguração

Caminhada e texto de Rita Barros

Os indivíduos transformam-se e trazem novas realidades aos espaços. Os espaços transformam-se e trazem novas realidades aos indivíduos. Não há forma de escapar à persistência e audácia do tempo incontornável. O tempo é o ditador do ser. O ser acompanha as mudanças, ao invés de estagnar no passado. Cada passo uma nova reflexão, cada calçada uma sensação. A caminhada não é um meio de transporte. É uma real contemplação.

Rita Barros frequentou o Curso Profissional de Artes do Espetáculo-Interpretação no Instituto para o Desenvolvimento Social. Estagiou como atriz nos espetáculos de Rita Lello e Maria do Céu Guerra (A Barraca, Lisboa) entre 2015 e 2016. Frequenta actualmente o Curso de Licenciatura em Teatro (ramo actores) da Escola Superior de Teatro e Cinema. Ao longo do seu percurso trabalhou com nomes como Pedro Giestas, Joana Pupo, Marina Nabais, Ana Tamen, Ana Mira, Maria João Vicente, Francisco Salgado, Howard Sonenklar, Peter Michael Dietz, Rui Neto, Sara Belo, João Henriques, Karas entre outros.

A sua caminhada